

“Pane no CISTema”: as experiências da não-binariedade de gênero na visibilização e desestabilização dos dualismos

Nina Wettreich Goldbach¹

Resumo: O presente trabalho, suscitado por explorações iniciais no bojo da pesquisa de mestrado, encontra-se debruçado sobre experiências da chamada “não-binariedade de gênero”. Diante da interpelação feita por tais experiências, bem como das questões que estas colocam para as experiências binárias, duais, de sexo/gênero, a investigação guia-se a partir das seguintes perguntas norteadoras, enquanto objetos de inquietação e reflexão: como as experiências da não-binariedade de gênero se relacionam com as experiências de sexo/gênero já instituídas? Mais ainda, o que elas *fazem* com estas? Quais desestabilizações promovem e que outras estabilizações forjam? Tendo tais questionamentos como balizas, o trabalho se dirige ao campo virtual para encontrar pistas, por meio da análise das enunciações de pessoas não-binárias, em suportes diversos como produções acadêmicas, ativistas, artísticas, pessoais, em redes sociais e todas as fronteiras impuras entre tais meios. A partir do material de campo analisado, pretendo apresentar a hipótese incipiente de que, diante da pergunta “o que as experiências não-binárias *fazem* com as experiências binárias, duais, de sexo/gênero?”, percebe-se que tais experiências, ao forjar novas corporeidades e identidades a partir de jogos criativos com as categorias já instituídas, visibilizam e desestabilizam alguns dos dualismos fundamentais que alicerçam o sistema supracitado, quais sejam: aqueles entre natureza e cultura, interior e exterior, essência e aparência, mente e corpo, humano e não humano e, até mesmo, com gênero e sem gênero.

Palavras-chave: não-binariedade; sexo/gênero; corpo; identidade; humanidade.

¹Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva no Instituto de Medicina Social da UERJ (PPSC-IMS/UERJ). Bolsista da CAPES.

Introdução

“Faz sentido falar em gênero em todo e qualquer contexto?”, “O que acontece quando pensamos essas relações junto à presença de não-humanos, objetos, espíritos?”: essas foram algumas das reflexões incitadas pelo Seminário Temático “Pensar o gênero a partir de outros modos de existência”, na décima Reunião de Antropologia das Ciências e da Tecnologias, na qual o presente trabalho esteve inserido. Tais reflexões, que partem de movimentos de reflexividade, estranhamento e deslocamento analítico em relação a categorias de peso na Antropologia e nas Ciências Humanas e Sociais de maneira geral - como “gênero” -, funcionaram como eixo comunicante entre trabalhos situados nos mais diversos campos empíricos, com o mote e o efeito comum de revisitar e desestabilizar a categoria “gênero” - retirando-a de um lugar de chave-interpretativa dada e auto evidente. Esta desestabilização, por sua vez, seguindo uma atenção etnográfica, é possibilitada pela interpelação dos próprios campos empíricos, que insistem em complexificar os contornos conceituais.

Nesse prisma, o presente trabalho, intitulado “‘Pane no CISTema’: as experiências da não-binariedade de gênero na visibilização e desestabilização dos dualismos”, compartilha, em diálogo com as demais proposições, destas inquietações existenciais e analíticas, que podem se desdobrar das seguintes maneiras: o que estamos tomando por sexo e gênero? No que consistem tais categorias e experiências? Quais as implicações de seus usos segundo determinados contornos? Como campos empíricos diversos lhes colocam questões e, dessa maneira, abrem estes conceitos de modo a rediscuti-los e, possivelmente, transformá-los? Como se dá o apoio de tais categorias e experiências em certos dualismos ocidentais fundamentais? Como pensá-las, por fim, para além dos dualismos?

Valendo-se da potência da etnografia como teoria, por si mesma, mais do que como mero método instrumental (Peirano, 2014), neste trabalho, é também o campo empírico que coloca, de maneira analiticamente interessante, rediscussões e desestabilizações para pensar o sexo e o gênero: com ele, passa-se a pensar o sexo e o gênero a partir de outros modos de existência, a pensar outros modos de existência com sexo e gênero, e até mesmo em outros modos e proposições de sexo e gênero.

Operando com e rediscutindo as categorias analíticas de sexo e gênero, este trabalho tem como tal campo empírico incitador de reflexões a chamada “não-binariedade de gênero”. Tal categoria e experiência, significativamente difundida no contexto contemporâneo, mostra-se e reivindica-se de diversas maneiras, por mídias digitais, redes sociais, enquadramentos no campo jurídico e da saúde, proposições linguísticas e corporais, dentre outras manifestações e, portanto, possibilidades específicas de análise. Desse modo, dentro dessa grande área temática, o presente trabalho - produto embrionário de minha pesquisa de Mestrado - dialoga especificamente com experiências de não-binariedade de gênero, forjadas por pessoas que assim se compreendem, se afirmam, se nomeiam e se corporificam.

Especialmente com Caetano (2024), pesquisadore não-binária que realizou um mapeamento do que chamou de “estudos não-binários” na última década, porém com diversas outras enunciações não-binárias, provenientes da academia e das mídias digitais, como as de Azevedo (2024), Moraes (2024), Vilhas (2024), Santos (2023), Juvi Chagas, Jupi77er, Nick Nagari, Andreone Medrado, dentre outros, é possível delinear, conceitualizar e caracterizar tais experiências. Se, para Caetano (2024), a não-binariedade funcionaria como uma espécie de coalizão entre experiências dissidentes da norma binária sexual e de gênero, as quais ensejam outras experiências possíveis; as experiências de não-binariedade forjadas especificamente por pessoas não-binárias, não-binários, dentre outras nomeações possíveis, se diferenciariam por dois movimentos: de um lado, enquanto “tarefa negativa”, estas pessoas teriam como posição comum uma recusa, de saída, do binarismo sexual e de gênero e, portanto, uma não-identificação exclusiva com a categoria de homem ou de mulher. De outro lado, a recusa de tal imperativo cabal abriria possibilidades para uma “tarefa positiva”, qual seja a de forjar experiências outras de sexo/gênero para além do binarismo.

Nota-se, ainda, que a conceitualização de tais experiências é intencionalmente precária, porosa e inclusiva, dado que está colocado, como horizonte existencial e político deste campo, uma abertura à pluralidade de experiências possíveis. Assim, pode-se compreender que estas abarcam modos múltiplos e singulares de nomeação e corporificação, reunindo sapatransviades, trans masculinos não-binários, travestis não-binárias, mulheres não-binárias, dentre outras formas de se compreender e se (des)identificar.

Para além do esforço de definição, apresentar este campo empírico passa por situá-lo em sua emergência específica, marcada no espaço e no tempo, isto é, passa por historicizá-lo e,

assim, iluminar seus contornos diferenciais. Em articulação com o seminário temático no qual este trabalho se insere, é possível afirmar que outros modos de existência que refazem ou desfazem o gênero proliferam-se ao longo da história de maneira significativa e contínua. Pode-se dizer, nesse sentido, que: experiências dissidentes quanto a um binarismo sexual e de gênero podem ser retraçadas a tempos longínquos. Nesta seara, encontrando ressonâncias com experiências dissidentes especialmente entendidas como pré-coloniais, o próprio campo da não-binariedade de gênero, em suas enunciações, retoma e identifica-se com tais categorias - são chamadas figuras, muitas vezes em forma de possibilidade identitária, como *tibira*, *two-spirit*, dentre outras. Esta aliança convocatória é sublinhada por trabalhos como os de Dantas (2022), Santos (2023) e Morais (2024).

Enquanto pesquisadora, ativista e também em busca de outras maneiras de pensar e viver o sexo e o gênero, compreendo tal movimento de recuperação de referências históricas, muitas vezes segundo o mote da ancestralidade, como um movimento política e existencialmente importante, na medida em que mantém acesa a memória, bem como se vale das alianças como modo de constituição de experiências outras². No entanto, a tarefa científica da pesquisa demanda rigor e precisão analíticos, de maneira que se torna fundamental o contorno destas experiências, de não-binariedade, em suas especificidades e descontinuidades, evitando a instituição de um longo *continuum* histórico de continuidades. Assim, ainda que sejam feitos usos de experiências passadas como formas híbridas de composição de si, e ainda que existam semelhanças entre tais experiências pela chave da dissidência, a não-binariedade de gênero, assim nomeada e vivida, emerge em sua especificidade no cenário contemporâneo.

Com Azevedo (2024), Caetano (2024) e Vilhas (2024), entende-se que tais experiências se expandem no cenário brasileiro especialmente a partir da década de 2010, privilegiadamente por meio das mídias digitais, como redes sociais. Apresentam, ainda, caráter global, traduzidas, em sua diferença (Butler, 2021), majoritariamente a partir do contexto anglófono (com seus termos como *non-binary*, *genderfluid*, *genderqueer*, etc). Nas mídias digitais, possibilidades de nomeação e corporificação são visibilizadas, culminando na constituição de redes e produção coletiva de si (Vilhas, 2024). É apontado, ainda, como as experiências de não-binariedade

²A ancestralidade é iluminada por Silva e Sanabria (2023) como recurso político na formação de (des)identidades

emergem no interior do campo *trans*, assim se compreendendo, em movimentos complexos de aliança e diferenciação (Caetano, 2024). Também em seus contornos históricos específicos, é importante evidenciar seus suportes de inteligibilidade nos campos jurídico, linguístico e da saúde, especialmente a partir da década de 2020. Estas linhas compõem este fenômeno empírico em suas marcas diferenciais.

Em toda a sua heterogeneidade e pluralismo ontológico, a chamada “primavera não-binária” (Morgado, 2021) emerge como um anúncio vivo da desestabilização e mutação da epistemologia binária (Preciado, 2022), como um aceno convocatório para a possibilidade de proliferação e explosão do gênero (Butler, 2024) em meio às tentativas de purificação. Nesse sentido, no que diz respeito - declarada e explicitamente - à posicionalidade³, enquanto pessoa designada e subjetivada como mulher - posição da qual não me desfaço, porém jogo com, de maneira auto reflexiva e crítica -, e enquanto pessoa *queer*, incomodada com as limitações das gaiolas de sexo e gênero (Preciado, 2022), as experiências de não-binariedade me interpelam e inspiram enquanto possibilidades especulativas e inventivas.

Dessa maneira, compreendo, com Haraway (1995), a construção do conhecimento e da ciência menos como pautada em cristalizações identitárias e mais como possibilidade de ensejar corporificações outras, mais articuladas e plurais. É, em linhas gerais, deste modo que penso a ligação entre minha experiência, a pesquisa e a não-binariedade: por meio de um exercício de pensamento posicionado e coletivo como possibilidade de produção de corporificações e mundos outros, os quais torcem o sexo e o gênero para além dos binarismos (Haraway, 2019). Um exercício de pensamento, ainda, que não apaga as diferenças entre a posição de pesquisadora e as experiências que pesquisa, ao mesmo tempo que intenciona produzir conexões com e a partir delas, como instrumentos potentes no fazer científico.

Assim, borrando as fronteiras entre o fazer científico e a produção de mundos, debruçar-se, visceral e dialogicamente sobre tais experiências torna-se interessante tanto existencial e politicamente quanto analiticamente. Se, por um lado, em um movimento político de abertura ontológica, estas experiências ensejam formas outras de existência com o sexo e o gênero, não-binárias; por outro, em um movimento de tensionamento e abertura analítica, tal campo

³Caetano (2024) constrói uma denúncia e uma problematização em sua dissertação sobre os estudos não-binários ao apontar para uma falta de posicionalidade cis nos trabalhos sobre não-binariedade e/ou outras experiências trans. Em concordância com a importância sublinhada por ela, concebo como fundamental situar-me enquanto pesquisadora e enquanto sujeito social, dada as implicações experienciais, sociais e epistemológicas.

empírico desestabiliza e coloca questões para categorias de sexo e gênero, abrindo margem para rediscussões e torções conceituais. Trata-se, como bem apontado por Geertz (1997), de um bordejar dialético entre categorias analíticas e categorias nativas (ou êmicas) como matéria prima fundamental para o pensamento antropológico.

A partir desta compreensão do fazer científico e antropológico, esta pesquisa, voltada ao campo empírico das experiências de não-binariedade, constrói uma investigação específica: mais do que pensar em como estas experiências constituem-se a partir do sexo e do gênero já dados, busca-se voltar a atenção para como elas se valem de categorias e tecnologias (Lauretis, 2021; Preciado, 2018; Butler, 2018) das experiências de sexo e gênero binárias para sua constituição, de modo a nos informar sobre e transformar tal experiência normativa e naturalizada. Trata-se, portanto, de pensar o quê tais experiências dissidentes visibilizam e desestabilizam em relação à experiência de sexo e gênero de modo geral, especialmente suas dimensões constitutivas, articuladas aos dualismos com os quais opera.

De maneira mais concreta e aprofundada, esta pesquisa tem como pergunta orientadora “como experiências de não-binariedade de gênero, forjadas por pessoas que assim se nomeiam e corporificam, ao mobilizarem categorias e tecnologias das experiências binárias de sexo e gênero para constituírem-se, visibilizam e desestabilizam certas dimensões constitutivas da experiência de sexo e gênero de modo geral?”. Encontrar pistas para esta pergunta, portanto, constitui seu objetivo geral. E, explicitando tais dimensões, são desdobrados objetivos específicos: estas dizem respeito às dimensões de corpo, identidade e humanidade, como experiências articuladas à experiência de sexo e gênero. Tais dimensões, por sua vez, são fundadas em dualismos ocidentais arraigados (Fausto-Sterling, 2002; Haraway, 2019), como os de mente e corpo, essência e aparência, interior e exterior, natureza e cultura e humano e não-humano. São explorados, portanto, como objetivos específicos, como as experiências de não-binariedade jogam com o corpo, a identidade e a humanidade em sua constituição, mobilizando estas dimensões e seus dualismos associados de modo a visibilizá-los e desestabilizá-los: causam, portanto, um “pane no CISTema”.

Para tanto, como caminho metodológico, analiso as mobilizações em torno do corpo, da identidade e da humanidade realizadas por não-binários na constituição de suas experiências e de si em termos de sexo e gênero. O faço a partir da leitura de enunciações não-binárias em materiais acadêmicos, de autorias não-binárias e de autores e autoras cis que fornecem acesso

aos discursos diretos destas pessoas - como os de Fiorini e Oliveira (2024) e Sardinha (2019) -, e em materiais diversos nas mídias digitais, como nas redes sociais.

Me valho, como grades de leitura para pensar a experiência sexo/gênero de maneira geral bem como suas apropriações criativas, de referenciais teóricos como: a noção de corpo e pessoa em Mauss (2006); a dimensão corporal e visual do sexo e do gênero sublinhada por Oyewumi (2021); a dupla metafísica, corporal e identitária, conceituada por Preciado (2018); os conceitos de “categorias” e “tecnologias” de sexo e gênero, trabalhados por Lauretis (2021) e retrabalhados por Preciado (2018) e Butler (2024); e os critérios de humanidade, de sexo e gênero com Butler (2004, 2024) e visuais com Fanon (2008).

Dados tais elementos, o presente trabalho é exposto e trabalhado da seguinte maneira: após esta introdução, segue-se com uma exploração teórica da experiência de sexo e gênero de modo geral, sublinhando suas dimensões de pessoa, identidade, corpo e humanidade a partir das ferramentas teóricas supracitadas; após tal fornecimento de ferramentas para a compreensão de tal experiência corrente e naturalizada, são apresentados aportes conceituais e analíticos para se pensar em constituições outras, a partir de usos materiais criativos. Uma vez fornecidas as ferramentas teóricas, as experiências de não-binariedade são convocadas em suas mobilizações criativas na constituição outra de pessoa, identidade, corpo e humanidade. Por fim, conclui-se com as aberturas existenciais e analíticas suscitadas por tal interpelação empírica e dissidente: como tais experiências colocam em questão e desestabilizam os conceitos de “sexo” e “gênero”? Que novidades em termos de pensamento elas ensejam?

A experiência binária de sexo/gênero: aproximações teóricas e dimensões constitutivas

Há, no campo das Ciências Sociais e Humanas, uma vastíssima literatura dedicada a teorizar as experiências correntes e, portanto, binárias, de sexo e gênero. Tais esforços partem do pressuposto comum de que tais experiências nada teriam de universais e autoevidentes, operando um movimento teórico de visibilização de sua construção densa, social, cultural e historicamente situada, a qual difunde-se e estabiliza-se como subjetiva e materialmente estruturante no mundo Ocidental de maneira geral. A presente seção, deste modo, se insere neste rol de teorizações, elegendo autorias e ferramentas conceituais específicas para expor

alguns contornos da experiência binária de sexo/gênero. A escolha, por sua vez, implica certas filiações teóricas com seus respectivos efeitos políticos de abertura.

Também de caráter construcionista, isto é, partilhando do movimento teórico-político de desnaturalização do sexo e do gênero e de sua organização binária, serão apontadas algumas dimensões e dualismos que vieram a constituir tal experiência contingente. Serão estes os elementos mobilizados de maneira criativa nas experiências dissidentes de sexo/gênero - notadamente, aqui, nas experiências de não binariedade de gênero.

Neste esforço de teorização política da experiência de sexo/gênero de modo geral, apresentada e vivida usualmente sob uma matriz binária, cabe indicar, de saída, como pressuposto fundamental, uma postura de indissociabilidade entre o sexo e gênero. Autoras da Antropologia Feminista, como Moore (1997), da Biologia Feminista, como Fausto-Sterling (2002) e Haraway (2019), do campo de estudos de gênero e dos estudos trans, como Butler (2018, 2024) e Preciado (2014, 2018), e dos estudos decoloniais, como Oyewumi (2021) e Lugones (2020), segundo diferentes crivos, problematizaram a clássica divisão entre sexo e gênero, apoiada no dualismo entre natureza e cultura.

Este trabalho, por sua vez, acompanha tal premissa, ao desnaturalizar o próprio corpo e, portanto, sua própria organização binária, sexual e genitalizada, compreendendo o processo de corporificação como um processo histórico e social. Sob esta ótica, a experiência de sexo/gênero consistiria em uma construção densa e naturalizada a um só tempo material, corporal, e simbólica, subjetiva, dimensões as quais apresentam-se de maneira constantemente articulada. Experimentar sexo/gênero, portanto, é constituir-se e experimentar-se a todo tempo nesta dupla dimensão. É neste sentido que, na escrita, opta-se, doravante, por utilizar o termo “sexo/gênero”, dada a compreensão de uma constituição indissociável.

Na medida em que a experiência de sexo/gênero, de modo geral, inclusive em seu caráter corrente, trata-se de uma experiência corporal e subjetiva, é possível pensá-la, de maneira interessante, a partir das noções de “pessoa”, em sua dimensão supostamente interior, e de “corpo”, em sua dimensão visual de leitura e reconhecimento social. Mauss (1996), em seu texto clássico na Antropologia acerca da noção de pessoa, entende tal experiência como constituída historicamente, acumulando algumas características como heranças: menciono, por um lado, a experiência de *persona*, na qual a pessoa é definida de maneira relacional, a partir da máscara, como signo, que opera como orientadora na leitura social e de si mesma. Por outro,

a pessoa torna-se composta, para além de sua dimensão relacional, por uma dimensão interior, de identidade, a partir da emergência histórica da experiência de indivíduo.

Assim, tais experiências históricas constituem a experiência multifacetada de pessoa. Ao compreender a experiência de sexo/gênero como uma experiência histórica, cultural e social específica de pessoa, é possível analisá-la como composta a partir destas duas dimensões: uma dimensão relacional, em que o sexo/gênero é pautado pela leitura social, e uma dimensão interior, em que o sexo/gênero é entendido como essência do sujeito. No caso da dimensão relacional, nota-se como determinadas marcas na superfície do corpo - como as genitais - informariam sobre o sexo/gênero de alguém, desenhando as interações com esta pessoa a partir do reconhecimento. Ao mesmo tempo, composta também por uma dimensão interior, evidencia-se que tal experiência de sexo/gênero não carregaria a verdade sobre si meramente no corpo, segundo sua visualidade, porém também em uma suposta interioridade psicológica, na identidade, íntima e imaterial, no que se sente e se compreende sobre si.

Para Mauss (2006), contudo, não seria apenas a noção e a experiência de pessoa que teria caráter eminentemente contingente: também o corpo seria formatado por contextos simbólicos específicos, adquirido segundo determinadas técnicas, variáveis e históricas. O autor, nesse bojo, chega inclusive a iluminar a variação da constituição dos corpos segundo o que chamou de “diferenças sexuais”. Ora, seguindo esta pista deixada por Mauss (2006), seria o caso de pensar como os processos de corporificação se dão de maneira diferencial segundo um crivo genital e binário. Assim, é possível compreender a experiência de sexo/gênero não apenas como uma determinada experiência de pessoa, porém também como uma experiência específica de corpo. De maneira imbricada, tornar-se pessoa com sexo/gênero é, portanto, servir-se do corpo ou até mesmo adquirir um corpo de uma determinada maneira, que se pauta em e funda um binarismo de base, ao menos em sua experiência corrente.

A noção de pessoa e as técnicas do corpo (Mauss, 2006), então, constituem-se como chaves analíticas interessantes para pensar as experiências de sexo/gênero, colocando-as em diálogo com outras dimensões experienciais de modo geral. No seminário temático no qual inseriu-se este trabalho, inclusive, foi debatido como estes conceitos são mobilizados para pensar tanto experiências de sexo/gênero ocidentais e normativas, quanto para experiências ocidentais dissidentes ou até mesmo não-ocidentais. Ao lado de tal referencial consagrado, outras vozes fornecem mais elementos para a identificação de certas dimensões do sexo/gênero.

Este é o caso, por exemplo, de Oyewumi (2021), voltada especificamente à invenção colonial e ocidental do sexo e do gênero, conforme tese sustentada pela autora.⁴

Trazer as ideias de tal autora à baila apresenta-se como um movimento interessante na medida em que incrementa a análise feita até o presente momento: para Oyewumi (2021), a experiência de sexo/gênero, de origem ocidental e difundida, pautaria-se no que a autora chama de “bio-lógica”. Esta cosmovisão, organizadora de experiências, teria, como caráter primeiro, um privilégio do sentido da visão. E, dado este enquadramento sensível, o corpo, especialmente suas genitais, seria visto e tomado como base para o estabelecimento não apenas do papel social, senão da própria identidade. Este lugar do corpo, sob um crivo sexual, genital e binário, como determinístico em relação à identidade, faria parte da experiência de sexo/gênero. A articulação entre corpo e identidade na experiência de sexo/gênero, bem como a importância da visualidade para esta vivência, são elementos, iluminados pela autora, que aparecem de forma proeminente nas experiências de não-binariedade. No contexto do seminário temático, suas elaborações se tornam ainda mais frutíferas por permitirem diálogos analíticos entre as experiências ocidentais dissidentes e as não-ocidentais.

Oyewumi (2021), portanto, circunscreve a invenção do sexo/gênero no período colonial, invenção a qual se baseia em e produz, ao mesmo tempo, determinadas experiências de corpo e identidade. Para a autora, nas experiências de sexo/gênero, o substrato material corporal determinaria a identidade, imaterial. Preciado (2018), autor conclamado no campo de estudos trans e *queer*, assim como a autora, sublinha as dimensões corporais e identitárias como constituintes na experiência de sexo/gênero. Este autor, no entanto, apesar de identificar o processo colonial como momento de transformação e imposição radicais, volta-se especialmente às experiências médicas e não-médicas, modernas e contemporâneas, de designação, redesignação e transição de sexo e gênero. Analisando tais processos, Preciado (2018) ilumina como alicerces fundamentais das experiências sexo/gênero, normativas ou dissidentes, binárias ou não-binárias, dois modelos metafísicos: uma “ontologia ótica”, pautada

⁴Há um grande debate teórico, histórico e antropológico acerca das relações entre sexo, gênero e colonialismo. Se, por um lado, existem autoras que defendem que estas experiências seriam completamente introduzidas pela colonização ocidental, como Oyewumi (2021) e Lugones (2020), por outro, outras autoras complexificariam esta tese: tratar-se-ia, do contrário, de outras experiências de sexo/gênero já existentes, as quais, evidentemente, sofreram processos de imposição e aniquilação. Neste bojo, encontram-se os trabalhos de Segato (2012) e Moore (1997).

na visibilidade corporal como signo, e uma “ontologia imaterial”, apoiada em uma suposta interioridade psicológica.

Todavia, além de somar no argumento da constituição bidimensional do sexo/gênero, Preciado (2018) contribui com a discussão por apresentar um acréscimo teórico em relação a Oyewumi (2021): se, para a autora, o corpo determina a identidade na experiência de sexo/gênero; para o autor, podem haver ruídos entre tais dimensões, nem sempre correspondentes segundo uma expectativa de coerência (Butler, 2018). Este ponto é fundamental quando se trata de pensar nas experiências não-binárias, em que o reconhecimento visual e corporal do sexo/gênero, muitas vezes, encontra-se perturbado.

É também este autor que nos auxilia a apreender a constituição das experiências de sexo/gênero, binárias e não-binárias, a partir de tecnologias - no campo material, corporal e visual - e de categorias - em um campo imaterial, subjetivo, identitário. O conceito de “tecnologias de gênero” - apropriadas e entendidas por Preciado (2014, 2018) também como de sexo, dado o pressuposto de indissociabilidade simbólico-material ao qual subscreve - é proposto por Lauretis (2020). Esta ferramenta teórica (aqui exposta de maneira bastante simplificada) permite pensar e operar o gênero (e, neste caso, o sexo) para além de um crivo binário e dicotômico baseado nas ditas “diferenças sexuais”, entre masculino e feminino. Diferentemente, este é compreendido como um processo de representação e autorrepresentação, construído a partir de discursos e práticas que resultam em efeitos materiais. Para Lauretis (2021), o gênero é não apenas o produto destas tecnologias na constituição de si, mas também o próprio processo.

Está colocada, portanto, novamente, tanto uma dimensão simbólica, semiótica, quanto uma dimensão material e corporal neste processo e produto. Convoco, aqui, Preciado (2018) e Butler (2024) como autores que utilizam o conceito de Lauretis (2021) desdobrando-o em suas possíveis implicações políticas de abertura quanto ao sexo/gênero. O primeiro autor propõe uma concepção das tecnologias enquanto ferramentas abertas: assim, elementos materiais como hormônios, pêlos, roupas, maquiagens, dentre outros, são empregados - até mesmo de maneira indispensável - para a constituição binária do sexo/gênero. No entanto, Preciado (2014, 2018) aponta e ensaja usos subversivos destas tecnologias, os quais se verificam nos processos de corporificação de não-binários.

As elaborações da segunda autora, por sua vez, auxiliam na proposição do conceito de “categorias” de sexo/gênero, com as quais as experiências não-binárias jogam. Butler (2024) entende a experiência de sexo/gênero como processo de interpelação e nomeação social, pelo Outro. Contudo, na contramão de uma concepção estanque da representação de si e de identidade, a autora entende tal interpelação como aberta às múltiplas possibilidades de tradução diferenciadas: assim, as experiências dissidentes apropriam-se da nomeação de modo a constituir-se de outra maneira. Explicitando este processo em sua concretude, Silva e Sanabria (2023) exploram como tais experiências dissidentes - inclusive as de não-binariedade - brincam criativamente com as categorias já existentes, construindo (des)identidades como: não-binária, sapatransviada, bixa, mulher não-binária, dentre outras. O exercício de nomeação, portanto, ao lado do de corporificação, como dimensões igualmente constitutivas do sexo/gênero, aparece como via importante na (re)constituição de si.

Até este momento do texto, espera-se que esteja claro como as dimensões de corpo e identidade são constitutivas nas experiências de sexo/gênero correntes, bem como possivelmente apropriadas na constituição de experiências outras possíveis. É também Butler (2004, 2024), contudo, que sublinha uma outra dimensão intimamente associada à produção do sexo/gênero: a da humanidade. Seguindo as elaborações desta autora, o sexo/gênero, em seus crivos binários, torna-se critério para a inclusão na categoria e na experiência de humanidade. Assim, tornar-se humano pressupõe a inscrição categorial e corporal no binarismo de gênero, de maneira que pessoas e corpos dissidentes são foracuídos, relegados à não-humanidade e à monstruosidade.

Sublinhando especialmente a dimensão corporal como superfície de reconhecimento na matriz de inteligibilidade humana, Fanon (2008) conceitua o processo de “epidermização” da norma. Ainda que o autor trabalhe privilegiadamente as experiências raciais, quais sejam as de tornar-se branco ou negro, em que a corporificação branca é reconhecida como epítome da humanidade, o conceito de “epidermização” da norma como via de ascensão à humanidade é bastante frutífero para pensar a relação entre a experiência de humanidade e a experiência de corporificação binária de sexo/gênero. É necessário, nesse sentido, segundo um crivo normativo, apresentar um corpo dentro do dimorfismo sexual para ser considerado humano. As experiências de não-binariedade, no entanto, ao recusarem tal representação e apresentação excludentes, propõem novos lugares para a humanidade em seus discursos e experiências.

A secção que aqui se finda se propôs a indicar certas dimensões constitutivas da experiência de sexo/gênero de modo geral, imprescindíveis tanto em suas formas binárias, correntes e naturalizadas, quanto não-binárias. Corpo, identidade e humanidade, assim, tornam-se signos e experiências significativamente convocadas nas experiências não-binárias, bem como seus dualismos correlatos, como aparência e essência, corpo e mente, exterior e interior, humano e não humano, dentre outras. Vejamos, a seguir, com o campo, como tais dimensões e dualismos são mobilizados e, assim, visibilizados e desestabilizados.

As experiências de não-binariedade na mobilização, visibilização e desestabilização do sexo/gênero: jogando com o corpo, a identidade e a humanidade

A partir de ferramentas teóricas capazes de operar funções desnaturalizantes, traduzindo as dimensões de construção densa de experiências estáveis e tidas como autoevidentes, torna-se evidente como a experiência de sexo/gênero, inclusive em sua forma normativa e corrente, vale-se destas dimensões para constituir-se. Viu-se, portanto, até então, sob um crivo teórico, como elas dependem de uma dada mobilização do corpo, da identidade e da humanidade. Fundam-se nestes dualismos de maneira imprescindível: sem tais aportes, como haveria experiência de sexo/gênero, seja enquanto compreensão de si, enquanto reconhecimento visual e social, ou enquanto critério de inteligibilidade do ser humano?

Porém, ainda que tais conceitos tenham caráter político por sua capacidade de desnaturalização e, portanto, de abertura à transformação, experiências empíricas, em seu próprio processo de constituição, logram estes mesmos efeitos, efeitos concretos de abertura e pluralismo ontológicos. Nesse sentido se, com Mauss (2006), Oyewumi (2021), Preciado (2014, 2018), Lauretis (2019), Butler (2004, 2018, 2024) e Fanon (2008), foi possível entender o sexo/gênero como fundado em certas mobilizações necessárias em torno do corpo, da identidade e da humanidade; com as experiências de não-binariedade, o lugar de tais mobilizações enquanto recursos constitutivos imprescindíveis aparece na prática. E, mais ainda, são tais experiências que indicam a possibilidade de usos criativos destas dimensões. De maneira etnográfica, o campo não apenas visibiliza experiências fundamentais, operando como teoria por si, porém também as tensiona, as desestabiliza, as torce: pane no sistema de conceitos, pane no CISTema de sexo/gênero binário.

Exploreemos, primeiramente, a mobilização e a visibilização do corpo e da identidade como dimensões constitutivas das experiências de sexo/gênero, inclusive as não-binárias, que se valem de tais dimensões para forjarem-se. Em tal mobilização, são feitas certas operações com dualismos clássicos na experiência ocidental, convocando signos e experiências como: mente e corpo, aparência e essência, dentro e fora, dentre outras.

Em seu discurso no artigo de Fiorini e Oliveira (2024) acerca das enunciações não-binárias nas mídias digitais, Bê, por exemplo, que se nomeia e experiencia como trans não-binário, mobiliza o corpo e especialmente a identidade como compositoras na experiência não-binária de sexo/gênero. Trata-se, como visto com Preciado (2018), da constituição de si em termos de sexo/gênero por meio de dois modelos metafísicos: o material e o simbólico. Operando com dualismos, Bê entende, ainda, a identidade como dimensão de “dentro”. Em suas palavras, vem a falar sobre uma coisa que tem me incomodado bastante nos últimos dias... que é *a ideia de que toda pessoa trans precisa fazer alguma intervenção no corpo pra ser considerada uma pessoa trans*. Esse tipo de expectativa é irreal, já que *a identidade de gênero é algo que tá dentro da gente*.” (Fiorini e Oliveira, p. 18, 2024, grifos meus).

Amê, por sua vez, também não-binário, entrevistado por Sartor (2022) em sua dissertação acerca das subjetividades não-binárias, também entende sua experiência como composta por estas duas dimensões: a de “dentro da cabeça” e a de “fora”, a do sentimento e a da expressão. Segundo seu próprio discurso, “o que tá *dentro da cabeça da pessoa*, e aí isso é o “dentro”. É o que a pessoa imagina, é o que a pessoa entende, é como ela se sente. E o “fora” é o que ela expressa, como ela se expressa e *quais são as leituras sociais que os outros vão ter e que essa própria pessoa vai ter*” (Sartor, 2022, p. 107, grifos meus). É interessante, ainda, como Amê aponta para uma dimensão importante de leitura social a partir do corpo e da expressão na experiência de sexo/gênero. Este ponto, por sua vez, ressoa com as elaborações de Mauss (2006), ao entender a experiência de pessoa como amparada nos signos orientadores nas relações sociais e na compreensão de si, bem como com as de Oyewumi (2021), ao iluminar o corpo e sua visualização como centrais na definição do papel social e da identidade de sexo/gênero.

Andreone, não-binária, em suas redes sociais, mobiliza as categorias de “aparência”, relacionada ao corpo, e a “identificação”, experiência do indivíduo. Em suas palavras, “ser não binária não é apenas sobre a aparência [...] Eu defendo que existe uma outra dimensão da não

binariedade que não se prende à aparência. Ao menos não se fixa a ela como meio de identificação [...] é parte do indivíduo.” (grifos meus).

Em experiências de sexo/gênero binárias e correntes, tais signos também são recorrentes. Contudo, há uma diferença entre elas e as experiências não-binárias: nas primeiras, se espera uma suposta coerência (Butler, 2018) entre o corpo e a identidade. Isto é, um corpo visto como feminino, com características como seios, vulva, cabelo longo, maquiagem, certas roupas, dentre outras, deve corresponder a uma pessoa também feminina, a uma identidade feminina, a um jeito feminino - e o mesmo vale para o masculino, dentro deste regime binário. Já as experiências não-binárias engendram um pane no CISTema de representação, um pane na expectativa de coerência entre corpo e identidade. Isso porque, segundo discursos destas pessoas, mapeados na literatura explorada, há uma ideia de que a pessoa pode se sentir e ter seu corpo da forma que lhe for mais confortável. Aponta-se, ainda, a problemática da expectativa desta suposta coerência, e até mesmo um desejo por perturbar tal CISTema de reconhecimento do sexo/gênero a partir da visualidade corporal.

Ainda com Andreone, nesse prisma, coloca-se a seguinte defesa: “nem todas as pessoas que se expressam ambigualmente são não binárias; assim como nem todas as pessoas não binárias se expressam de maneira ambígua e/ou fluida. É muito mais que isso!”. Esta concepção também é compartilhada por Bê, como visto, para quem ser trans não demanda necessariamente intervenções corporais. Há, portanto, um questionamento e uma recusa do princípio de coerência sistêmico e binário; coloca-se, portanto, um ruído entre o corpo e a identidade, ao menos segundo as expectativas normativas e fixas que estão na base do CISTema de representação binário.

Dessa maneira, quando a leitura social se acomoda a estes novos parâmetros, afrouxando expectativas oriundas das matrizes de inteligibilidade correntes do sexo/gênero, tal transformação no CISTema é bem recebida. É esta a posição de Yuri, explorada por Spohr (2024) em seu livro sobre as voes não-binárias nas redes sociais: “tem gente que me vê de barba, um homem cis[gênero], mas me chama pelo feminino. Então é uma experiência muito legal e quando alguém me chama pelo feminino eu falo: “Ah, to bem garota, tá ótimo”, hahaha.” (Spohr, 2024, p. 94).

Neste CISTema binário, não é apenas a suposta coerência entre corpo e identidade, entre ser e aparentar, na forma da expressão, que funciona como critério de inclusão em uma matriz

de inteligibilidade estabilizada, na matriz de inteligibilidade da humanidade. Como são vistas pessoas e corpos que não apresentam tal coerência entre interior e exterior? Entre ser e aparentar? Tais pessoas e corpos inscrevem-se no sexo/gênero? Tais corpos são considerados humanos?

A partir de tais reflexões, nota-se como a coerência é critério de inclusão na experiência de sexo/gênero normativa, binária, e esta experiência de sexo/gênero, por sua vez, é critério de inclusão na categoria, na experiência e no reconhecimento da humanidade. Desse modo, não-binários não apenas questionam o pressuposto de coerência, problematizando-o e recusando-o, porém também a própria concepção de humanidade e seus critérios de inclusão.

Nesse bojo, identificam-se, entre tais pessoas, posições múltiplas em relação à humanidade: está colocada, por um lado, uma posição de reivindicação da humanidade sob crivos não-binários, postulando um movimento de recuperação de algo mais total que teria se perdido com a instituição do sexo/gênero binário sobre os corpos. Por outro lado, identifica-se uma posição de recusa da humanidade e, portanto, uma posição de subjetivação pós-humana, segundo outros recursos. Para este pólo, a própria humanidade teria sido fundada sobre um dualismo de base, inclusive sexual e de gênero, necessariamente excludente e limitante, encontrando no seu abandono categorial e experiencial um caminho para a proliferação de ontologias outras.

Representando a primeira posição, isto é, a de recuperação de uma humanidade mais total considerada perdida com o binarismo sexual e de gênero, segue o discurso de @mãenãogestante, explorado por Santos (2023) em sua monografia acerca das relações entre decolonialidade e não-binariedade. A não-binariedade seria “um lado humano que existia antes da colonização e está sendo redescoberto. Ser não-binário, para mim, significa poder ser masculino e feminino o tempo todo, e assim me sinto por inteiro” (Santos, 2023, p. 57). Este discurso dialoga com referenciais decoloniais, os quais, como explorado na introdução deste trabalho, são convocados por não-binários para a constituição de suas experiências na forma da aliança e das ressonâncias. Ressoa, ainda, também campo da crítica à colonialidade, com as ideias de Fanon (2008), para quem haveria uma humanidade mais total a ser buscada, a qual teria sido minada pelo processo também existencial de colonização.

Se, no entanto, algues não-binários encontram na recuperação de uma humanidade total e perdida a possibilidade de forjar as próprias experiências para além de um binarismo,

outres encaram a recusa da humanidade como única via para por fim à exclusão ontológica de experiências dissidentes do binarismo sexual e gênero. De acordo com esta posição, em sua radicalidade, o próprio processo de se tornar humano e, para tanto, o próprio processo de se tornar homem ou mulher, seria um processo de violência ontológica. É esta a posição de Inari (2025) que, inspirada em Haraway, entende a si como ciborgue. Para ela “se a categoria humanidade pretende contemplar todas as possíveis formas de existir, mas, contraditoriamente, ela exclui formas de existir em sua definição incompleta e enviesada, então *precisamos repensar nossa humanidade. Pela perspectiva oposta, quero falar sobre o tornar-se não-humano. Ou melhor, falar de um corpo dissidente desta humanidade. A fabricação da não-humanidade, ou da terceira natureza, uma outra humanidade, uma transhumanidade, pós-humanidade.*” (Inari, 2025, p. 4, grifos meus).

É nesse sentido de recusa da humanidade por seu caráter eminentemente binário que também se encontram as classificações “batatinhas” (Vilhas, 2024) e “xenogênero” (Sardinha, 2019). Tais categorias operam como recursos de nomeação e subjetivação para além da humanidade: afinal, este seria o único meio de romper com um binarismo sexual e de gênero, fundante na experiência humana. No que diz respeito à categoria “batatinhas”, Vilhas (2024), em seu artigo acerca dos primeiros blogues de não-binários, aponta como tal categoria, utilizada inicialmente de forma heteroidentificada e derogatória, foi apropriada por não-binários. Esta apropriação, por sua vez, se deu devido à compreensão de que, para que fosse possível se desidentificar com um sexo/gênero binário, seria necessária a saída do universo humano, marcado pelo binarismo, adotando, de forma cômica, a identidade de “batatinhas”, elementos sem gênero, linhas de fuga. Os “xenogêneros” são convocados segundo uma lógica similar: constituem-se como gêneros inspirados em planetas, dado que não-binários xenogêneros estariam “além deste mundo, pela ênfase colocada em como só existem homens e mulheres em nossa sociedade” (Sardinha, 2020, p. 44).

Conforme a tese defendida pelo presente trabalho, reiterada algumas vezes até então e, nesta seção, trabalhada a partir do campo, as experiências de não-binariedade de gênero, ao mobilizarem as dimensões de corpo, identidade e humanidade em sua constituição criativa, visibilizariam tais dimensões como constitutivas da experiência de sexo/gênero de modo geral, corrente. Ao lado da visibilização, estaria colocado, também, um movimento de desestabilização, pela via da desnaturalização e da operação de rearranjos.

Estas operações forjadas pelas experiências não-binárias, contudo, colocam uma desestabilização ainda mais fundamental, a qual não implica efeitos apenas políticos e existenciais de abertura, senão também analíticos, demandando rediscussões e torções nas Ciências Humanas, Sociais e na Teoria Antropológica. Tais experiências colocam a seguinte questão: no que, afinal, consistiram o sexo e gênero? Como defini-los? Quais as implicações dos modos pelos quais os definimos? Há sexo e gênero para além do binarismo? É interessante sustentar tais categorias analíticas, ainda que as torcendo?

O campo empírico da não-binariedade suscita tais questões, em meu trabalho, particularmente, por apresentar diversas posições subjetivas e políticas em torno do sexo/gênero - e especialmente em torno da categoria de “gênero”. Vê-se, nesta seara, pessoas que se nomeiam como “agênero”, o que levaria a uma conclusão que, ao menos declaradamente, haveria uma intenção de abandono do gênero. Nesta concepção, o gênero é entendido como eminentemente binário. No entanto, apresentam-se, neste campo, outras nomeações e experiências como “gênero neutro”, “gênero fluido”, “*genderqueer*”, e até mesmo “homem não-binário”, “mulher não-binária”, dentre outras posições que, aparentemente, não abandonam o gênero, tecendo possibilidades em seu seio para além do binarismo.

Jupi77er, por exemplo, entrevistado por Spohr (2024), se sente “gênero fluido”, foi algo que, para ele, simplesmente “fez sentido”. Nota-se, portanto, como há uma dimensão singular na escolha das categorias, muitas vezes não pré-meditada. Em suas palavras: "Então assim, nessa época, uns cinco anos atrás, eu não ia saber o que era. E quando eu fiquei sabendo eu dei risada, eu falei: “Hahaha, tá de tiração, né? Esse bagulho não existe [...] eu fiquei com aquilo na cabeça por um tempo, pensando sobre, sabe? Tipo: “Curioso, gênero fluído... Para mim faz sentido que o gênero seja fluido”. E eu me sentia assim..." (Spohr, 2023, p. 77). Já Kael, encontra na categoria “*genderqueer*” um “nome para aquilo que ela é”: "Acho que o primeiro momento eu entrei em contato com o termo, foi *genderqueer*, no colégio. Então deve ter sido lá por 2009 ou 2010, não sei. Eu lembro de pensar tipo: “Ah, então existe um nome para isso que eu sou” (*ibid.*, p. 76). Mun-Há, por fim, nos relembra da aliança entre a não-binariedade e outras categorias de gênero dissidentes, as quais, ainda que segundo outros nomes, também desestabilizam a binariedade. Reinvidica para si a categoria “trava”, dizendo: "Eu gosto [do termo trava] porque vem muito desse lugar social, do que a gente passa nas ruas e porque esse corpo travesti também não precisa se enquadrar nas lógicas binárias cis[gêneras]" (*ibid.*, p. 69).

Conclusões parciais:

Neste trabalho, o qual ensaia algumas elaborações no seio da minha pesquisa de mestrado, nos debruçamos sobre as experiências da chamada “não-binariedade de gênero”. Como escolha analítica, o foco adotado foi o de explorar como tais experiências, mais do que constituídas à parte da norma, interpelam não apenas a experiência corrente e binária de sexo/gênero, mas as próprias categorias analíticas de “sexo” e “gênero”. Nesse sentido, tais experiências lançam luz para certas dimensões constitutivas da experiência de sexo/gênero de maneira geral, evidenciando sua construção densa. Desse modo, a partir de um remanejamento das peças, são forjadas possíveis aberturas interessantes: a de constituir experiências outras, cotidianas, identitárias e corporais, de sexo/gênero, em um movimento de proliferação ontológica; bem como a de se voltar, analiticamente, de outra maneira para o sexo e o gênero, revisitando debates de peso na Antropologia. Observa-se um movimento de fertilidade, tanto no campo da experiência vivida, tanto no campo do pensamento, campos os quais, evidentemente, se comunicam. Assim, seguindo as pistas de Haraway (1995), o fazer científico torna-se mais interessante, por colocar questões e “ficar com o problema”, mais do que fechá-las e, principalmente, por ensejar corporificações e articulações outras, menos pautadas na dominação e na identidade.

Referências bibliográficas

AZEVEDO, Dri; CAPELOBO, Walla; CHAGAS, Andrey. Não Binariedade: uma identidade emergente no Brasil contemporâneo. **Rev. Periódicus**, Salvador, v. 1, n. 20, 2024

BUTLER, Judith. Doing Justice to Someone: Sex Reassignment and Allegories of Transsexuality. In: BUTLER, Judith. **Undoing Gender**. Nova York: Routledge, 2004, pp. 57-75.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2018.

BUTLER, Judith. Gênero em tradução: além do monolinguismo, de Judith Butler. **Cadernos de Ética e Filosofia Política**, São Paulo, Brasil, v. 39, n. 2, p. 364–387, 2021

BUTLER, Judith. **Quem tem medo do gênero?** Boi Tempo: Rio de Janeiro, 2024.

CAETANO, Morgan Franzoni. **Estudos não-binários: mapeamento de uma década de publicações sobre não-binariedade de gênero no Brasil**. 2024. 189 f. Dissertação (Mestrado) - Antropologia Social. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2024.

DANTAS, Lucas Silva. **Entre Adão e Eva eu sou a cobra: a não binariedade como uma identidade de gênero (tr)ancestral**. In: VIII Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade, IV Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade e IV Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade, 2022, São Paulo. Anais: Editora Realize, 2022.

FANON, Frantz. **Pele Negra, Máscaras Brancas**. Salvador: EdUFBA, 2008.

FAUSTO-STERLING, Anne. Dualismos em duelo. **Cadernos Pagu**, n. 17-18, p. 9–79, 2002.

GEERTZ, Clifford. “Do ponto de vista dos nativos”: a natureza do entendimento antropológico. In: GEERTZ, Clifford. **O saber local: novos ensaios em antropologia interpretativa**. Petrópolis: Vozes, 1997.

FIORINI, Maria Eduarda; OLIVEIRA, Esmael. Sentidos da Não-Binariedade: uma análise a partir dos “cotidianos” micropolíticos das plataformas digitais. **Cadernos de Educação**, n. 67, 2024

HARAWAY, Donna. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 5, p. 7-41, 1995.

HARAWAY, Donna. Manifesto ciborgue: Ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX. In: HOLLANDA, Heloísa Buarque. (org.). **Pensamento feminista: conceitos fundamentais**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021.

LAURETIS, Teresa de. A tecnologia de gênero. In: HOLLANDA, Heloísa Buarque (org.). **Pensamento feminista: conceitos fundamentais**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019.

LUGONES, Maria. Colonialidade e gênero. In: HOLLANDA, H. B. (org.). **Pensamento feminista hoje: perspectivas decoloniais**. Rio de Janeiro: Bazar: 2020. p. 52-83.

MAUSS, Marcel. Uma categoria do espírito humano: a noção de pessoa, a de “eu”. In: MAUSS, Marcel. **Sociologia e Antropologia**. São Paulo: Cosac Naify, 2003, p. 367-398.

MAUSS, Marcel. As técnicas do corpo. In: MAUSS, Marcel. **Sociologia e Antropologia**. São Paulo: Cosac Naify, 2003, p. 399-421

MOORE, Henrietta. Understanding sex and gender. In: INGOLD, Tim (Ed.). **Companion Encyclopedia of Anthropology**. Londres: Routledge, 1997. p. 813-830

MORAIS, Hblynda. “Pane no cistema”: discutindo a não binariedade e o protagonismo trans nas redes sociais. **Revista Periódicus**, [S. l.], v. 1, n. 20, p. 45–71, 2024

MORGADO, B.R. (org) **A primavera não-binária: protagonismo trans não-binário no fazer científico**. 1. ed. Florianópolis: Selo Nyota, 2021

OYẸWÙMÍ, Oyèrónkẹ. **A invenção das mulheres: construindo um sentido africano para os discursos ocidentais de gênero**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021.

PEIRANO, Mariza. Etnografia não é método. **Horizontes antropológicos**, Porto Alegre, v.20, n. 42, p. 377-391, 72, 2014.

PRECIADO, Paul B. **Manifesto Contrassexual: práticas subversivas de identidade sexual**. São Paulo: n-1, 2014.

PRECIADO, Paul B. **Testo Junkie: Sexo, drogas e biopolítica na era farmacopornográfica**. São Paulo: n-1, 2018.

PRECIADO, Paul B. **Eu sou o monstro que vos fala: informe para uma academia de psicanalistas**. 1 ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2022.

SANTOS, Aleixo Fonseca. **Gêneros desobedientes: a não-binariedade em perspectiva**. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Ciências Sociais) - Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2023.

SARDINHA, Márcia Costa. **Gênero e identidade(s) na contemporaneidade: os desafios do não binário**. 2020. 132 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2020.

SARTOR, Amanda Giulia **“Somos viantes, construímos vias ”: não binariedade**. 2022. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2022.

SEGATO, Rita Laura. Gênero e colonialidade: em busca de chaves de leitura e de um vocabulário estratégico descolonial. **E-ces Cadernos**, v.18, p. 106-131, 2012.

SILVA, Moisés Lino; SANABRIA, Guilherme Veiga. Introdução. In: SILVA, Moisés Lino; SANABRIA, Guilherme Veiga (orgs.). **Glossário de (des)identidades sexuais**. Editora UFBA: Bahia, 2023, pp. 11-33.

SPOHR, Ju. **Mapeando vozes não binárias nas redes sociais**. Belo Horizonte: Monstro dos mares, 2024.

VILHAS, Jinx. Não binariedade, linguagem não binária e transfeminismo no Brasil. **Cadernos Pagu**, n. 72, 2024.